Saudações.
Continuando a sequencia de traduções e adaptações a respeito da historia da magia; abordaremos como o interesse pela magia erudita se espalhou pela Europa, e também como se espalharam as ansiedades e os medos sobre o que seus praticantes poderiam realizar.

Considere, por exemplo, duas representações diferentes, mas sobrepostas, do mago ou mago erudito. Um deles é um personagem fictício chamado Faustus ou Faust, protagonista de diferentes histórias que circularam por séculos antes de atingir um público muito mais amplo em uma peça popular escrita pelo dramaturgo inglês Christopher Marlowe (1564-1593). O outro é uma pessoa real que não apenas viveu na mesma época que Marlowe, mas cuja vida pode ter influenciado a representação de Fausto por Marlowe: o astrólogo, matemático e filósofo inglês John Dee(1527-1608). Entre eles, Faustus e Dee revelam por que os praticantes de magia aprendida eram vistos por alguns como personificações assustadoras de arrogância e loucura.

Em sua forma mais básica, a história de Fausto demonstrou para o público europeu os perigos morais e físicos da magia erudita. Suas origens não são claras; existem contos e histórias de advertência sobre Fausto que remontam à Idade Média, muitos deles circulando

All rights reserved © Ordem dos Venatores

pela primeira vez no que hoje é a Alemanha. Algumas dessas histórias mais tarde foram associadas a contos de um mágico viajante não identificado que supostamente viveu por volta do início do século XVI e que blasfemamente afirmou ser capaz de replicar os milagres.de Cristo através do uso da magia. É difícil saber se algum desses contos era verdadeiro, no entanto, o que significa que Faustus pode ter sido uma pessoa real, um mito construído a partir de insinuações e imaginação, ou ambos. Sua história foi popularizada para o público inglês pelo dramaturgo Christopher Marlowe, um contemporâneo de Shakespeare, em seu *The Tragicall History of the Life and Death of Doctor Faustus* . Apresentada pela primeira vez por volta de 1590, a peça de Marlowe ajudou a cimentar a reputação de Faustus como um mágico erudito que se associou com as forças das trevas e finalmente encontrou um fim prematuro e horrível (Figura 1.5) .

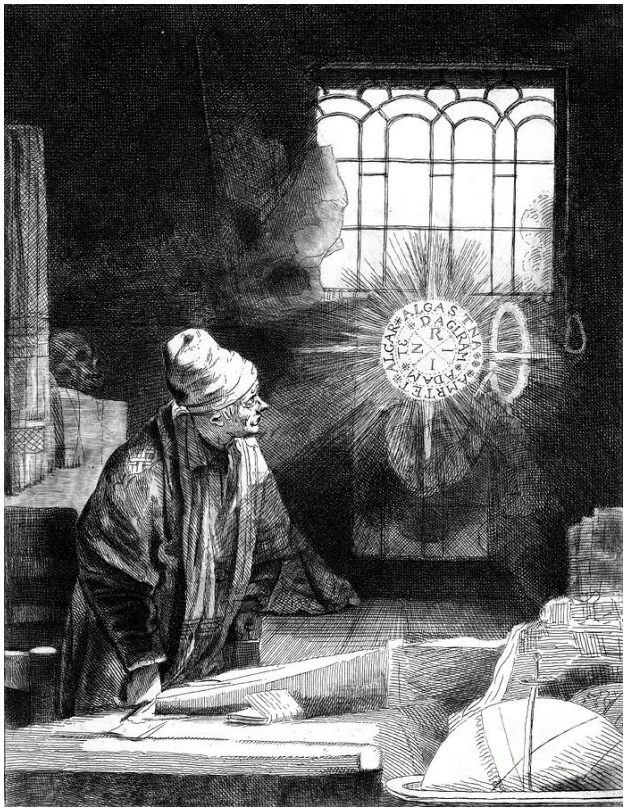
Figura 1.5Página de título de *The Tragicall History of the Life and Death of Doctor Faustus* por Christopher Marlowe, 1636.Foto de DeAgostini/Getty Images

Na peça, Faustus é um homem sábio e erudito que, ao longo de muitos anos de trabalho

All rights reserved © Ordem dos Venatores

paciente, descobriu conhecimento sobre quase tudo no mundo. Mas ele ainda anseia por mais e, por isso, pede ajuda a um mágico de má reputação para invocar um demônio. A ideia de que os demônios ou o Diabo poderia ser solicitado a ajudar os desesperados ou os tolos tem uma longa história, e o proximo artigo, que examina a feitiçaria européia, terá muito mais a dizer sobre esse assunto. No contexto do mito de Faustus, no entanto, a convocação de um demônio jogava com uma crença comum sobre a magia e aqueles que a praticavam – ou seja, que eles trabalhavam com forças e poderes das trevas em busca de poder e domínio sobre o mundo. No relato de Marlowe, no entanto, Faustus convoca o demônio Mephistophilis e faz uma barganha com Lúcifer não porque ele seja inerentemente corrupto ou mau, mas porque é curioso. Ele deseja conhecimento em vez de poder, pelo menos a princípio. Ele pede vinte e quatro anos de vida, durante os quais poderá fazer magia; em troca, ele promete sua alma a Lúcifer. Mas Faustus não recebe o conhecimento que desejava tão desesperadamente. O demônio Mephistophilis, embora supostamente seu servo, se recusa a responder suas perguntas, e Faustus acaba abusando de seu conhecimento mágico para realizar truques e travessuras baratas pelos próximos vinte e quatro anos. Finalmente, quando seu contrato com Lúcifer vence, Faustus percebe seu erro e tenta se arrepender, mas é tarde demais. A peça termina com Faustus sendo arrastado do palco para o Inferno.

All rights reserved © Ordem dos Venatores



A peça de Marlowe foi um grande sucesso entre o público. Corriam rumores de que espiritos e demônios reais apareciam no palco durante as apresentações, atraídos pela história do infame Fausto, e que alguns membros do público enlouqueciam quando viram essas aparições sobrenaturais. Em última análise, a recontagem de Marlowe do mito de Fausto estava mais preocupada com os perigos do orgulho e da arrogância do que com aqueles representados pela magia, mas ainda nos fornece algumas dicas sobre como as pessoas modernas pensavam sobre os praticantes de magia. Entre filósofos e naturalistas, o hermetismo, cabalá, e outras formas de conhecimento esotérico eram valorizadas porque ofereciam a possibilidade de compreender o universo de maneiras novas e poderosas. Eles representavam tanto a sabedoria da antiguidade e a promessa de novas inovações por vir. Mas para outros – tanto membros do clero quanto pessoas comuns – a magia erudita era perigosa, uma atitude que remonta à crença medieval de que toda magia era inerentemente demoníaca. As artimanhas ardilosas de demônios poderiam facilmente enredar o mago descuidado ou arrogante, e isso era um perigo não apenas para o próprio mago, mas também para aqueles ao seu redor. Para muitos, a magia era uma ameaça à ordem social e ao bem-estar público, e foi essa mesma ameaça que motivou a perseguição tanto do mago

All rights reserved © Ordem dos Venatores

erudito quanto da bruxa inculta.

Essa ideia de perseguição ou suspeita é uma parte fundamental da história de John Dee. Ele já era uma figura bem conhecida e até infame na época em que Marlowe escreveu sua peça, e é possível que tanto Marlowe e seu público fizeram conexões entre o personagem fictício Faustus e o mago da vida real Dee. As crenças deste último demonstraram não apenas as poderosas atrações do conhecimento oculto e esotérico que examinamos neste capítulo, mas também as maneiras pelas quais esse conhecimento estava estreitamente entrelaçado com a religião e a filosofia natural nesse período. Dee foi fortemente influenciado pelo hermetismo e pela filosofia neoplatônica de Marsilio Ficino, e é claro que ele também era bem versado no assunto da cabalá. Como Ficino e muitos outros, Dee via tanto a filosofia quanto a magia como necessárias para abrir a cortina metafórica e apreender as verdades que estão por trás do mundo físico.

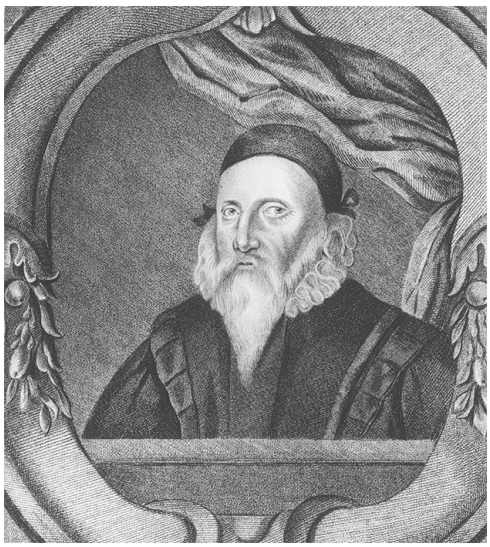


Figura 1.6 Retrato de John Dee, c. 1580.Foto de Hulton Archive/Getty Images

Jhon Dee deve ser entendido antes de mais nada como um matemático, embora nos séculos XVI e XVII o conceito de “matemática” fosse muito amplo. No caso de Dee, sua perícia matemática abrangia astronomia, astrologia, navegação e mecânica, todas as quais hoje consideraríamos exemplos de matemática aplicada. Mas Dee também acreditava que a matemática era a chave para um conhecimento mais esotérico. Ele afirmou que os números eram a chave para a compreensão do universo. Nisso, ele não era muito diferente de

All rights reserved © Ordem dos Venatores

pensadores contemporâneos como Galileu Galilei.
Galileu também foi um matemático altamente qualificado que argumentou que a matemática era a linguagem com a qual Deus havia criado o mundo. Na maioria dos outros aspectos, porém, Dee e Galileu eram pessoas muito diferentes; por exemplo, Galileu não tinha interesse no hermetismo ou nas filosofias ocultas que tanto fascinavam Dee.

A habilidade de Dee com a mecânica o levou a construir alguns efeitos especiais deslumbrantes para uma peça produzida enquanto ele estava na universidade, e os resultados foram tão convincentes e estranhos que ele foi acusado por alguns de traficar com poderes das trevas. Isso o levou a ser amplamente considerado um mágico durante sua vida, um rótulo do qual ele ocasionalmente se ressentia. Ele se tornou um conselheiro não oficial da jovem princesa Elizabeth, e quando ela ascendeu ao trono inglês em 1558, a data de sua coroação foi determinada pelos cálculos astrológicos de Dee. Mais tarde na vida, ela o nomeou seu astrólogo da corte..

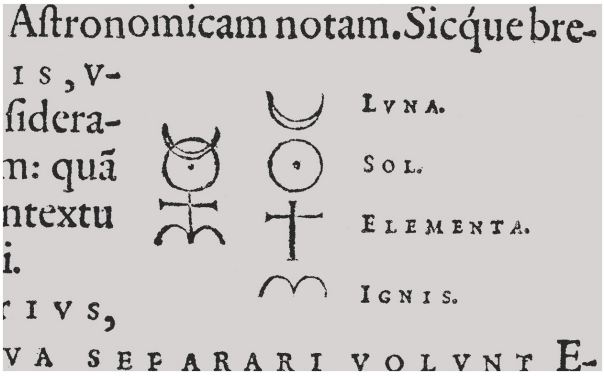


Figura 1.7 A Mônada Hieroglífica de Dee de sua *Monas Hieroglyphica* , 1564.Imagem cortesia da Wellcome Collection

Em 1564, Dee publicou a *Monas Hieroglyphica* , uma obra com fortes influências herméticas e cabalísticas. A Mônada Hieroglífica é um símbolo inventado por Dee que expressava, para ele, a unidade do cosmos e seus elementos. Seu significado exato permanece um mistério, no entanto, porque o comentário que Dee publicou na *Monas Hieroglyphica* é tão obscuro que é impossível decifrar. As ideias de Dee tiveram uma influência significativa sobre os outros, no entanto a Mônada apareceu em várias obras desse período, incluindo um tratado infame que afirmava descrever a comunidade esotérica conhecida como os *Rosacruzes* , ou a Fraternidade da Rosa Cruz. Manifestos estabelecendo a existência e o propósito dos

All rights reserved © Ordem dos Venatores

Rosacruzes apareceram em toda a Europa nas primeiras décadas do século XVII, sendo um dos primeiros o *Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz* , publicado pela primeira vez em 1616. Não foi por acaso que o *Casamento Alquímico* apresentava um imagem proeminente da Mônada Hieroglífica de Dee; o manifesto e suas ideias emergiram da mesma tradição de conhecimento esotérico em que o próprio Dee estava imerso.

Os manifestos Rosacruzes apresentaram a recuperação da antiga sabedoria esotérica como a chave para a "reforma" espiritual da humanidade e, juntos, eles demonstraram como tradições como o hermetismo e a cabalá evoluiu durante os séculos XVI e XVII, muito depois da obra de Ficino.; tradução original do *Corpus Hermeticum*.

Embora Dee fosse amplamente conhecido e respeitado na Inglaterra e no continente, na década de 1580 ele ficou insatisfeito com sua influência cada vez menor na corte de Elizabeth I. Ele começou a buscar novas direções para adquirir conhecimento esotérico, eventualmente dedicando esforços consideráveis para " vidência" – usando superfícies reflexivas para ver e se comunicar com outros seres – que acabou evoluindo para supostas conversas com anjos. Na verdade, esse desenvolvimento não foi um grande desvio de seus interesses existentes. Para Dee, como para muitos outros, o hermetismo e a Cabalá eram formas de entender a mente de Deus e, na busca desse objetivo, falar com os anjos era pouco mais que um atalho. Depois de inúmeras tentativas frustradas, Dee passou a acreditar que ele próprio não possuía a habilidade de se comunicar com anjos ou outros espíritos e que precisaria usar um intermediário, um vidente que pudesse olhar para um espelho polido de obsidiana ou uma bola de cristal e ver e ouvir as vozes dos anjos. Depois de algumas tentativas sem sucesso com vários videntes diferentes, em 1582 Dee conheceu Edward Kelley (1555–97), uma figura bastante misteriosa que acabaria adquirindo uma reputação tão colorida quanto o próprio Dee. Alguns relatos afirmam que Kelley era um falsificador condenado que teve parte de suas orelhas removidas como punição..

All rights reserved © Ordem dos Venatores

Edward Kelly (Kelley) (1555–1597) | Art UK
Crédito: Wellcome Library

Foi por meio de Kelley que os anjos falaram com Dee por muitos anos. Eles ditavam livros inteiros, escritos em uma linguagem angelical que só Kelley conseguia entender. Dee buscava um remédio para as divisões religiosas que haviam fraturado a cristandade após a Reforma Protestante., e ele se voltou para os anjos em busca de uma teologia pura e antiga – a *prisca theologia* – que ele acreditava poder unificar as facções em guerra do cristianismo. Para Dee, este foi antes de tudo um esforço religioso; ocultismo e filosofias esotéricas como o hermetismo eram apenas os meios de descobrir verdades religiosas e teológicas ocultas.

Dee e Kelley, com suas esposas, viajaram para o continente e se encontraram com o Sacro Imperador Romano Rodolfo II. (1552–1612) e Stefan Báthory (1533–86), rei da Polônia. Rudolph em particular era fascinado por ocultismo e alquimia, assim Dee e Kelley tinham esperanças de receber seu patrocínio, embora isso nunca tenha se materializado. Eles passaram vários anos na Europa central até que, em 1587, Kelley repassou uma mensagem surpreendente dos anjos: Eles queriam que Dee e Kelley compartilhassem todos os seus bens, incluindo suas esposas. Dee ficou perturbado com essa revelação e rompeu seu relacionamento com Kelley – mas não antes de os dois homens trocarem de esposas por uma noite. Dee voltou para a Inglaterra enquanto Kelley permaneceu em Praga e trabalhou como alquimista a serviço de Rudolph II. Kelley prometeu a Rudolph que ele poderia transmutar metais comuns em ouro, e o Imperador ficou tão

All rights reserved © Ordem dos Venatores

impressionado que nomeou Kelley cavaleiro em 1590, apenas para prendê-lo no ano seguinte. O resto da vida de Kelley foi uma mistura de opulência e dificuldades. Ele foi preso repetidamente por Rudolph por não produzir o ouro prometido, e acredita-se que ele morreu após sofrer ferimentos graves ao tentar escapar da prisão..

Quanto a John Dee, ele voltou para a Inglaterra para descobrir que sua vasta biblioteca havia sido parcialmente destruída por uma multidão enfurecida com medo da reputação de Dee como feiticeiro. Isso exemplifica o medo e a ansiedade que tantas vezes acompanhavam até mesmo a suspeita de magia nesse período. Dee não foi o primeiro a sofrer as consequências de seu interesse pelas artes esotéricas e ocultas, e certamente não foi o último. O destino de sua biblioteca e do próprio Dee que morreu na pobreza aos 82 anos – nos mostra que a busca da magia pode ser uma coisa perigosa, assim como diria Talkien: *"É um negócio perigoso estar a frente do Equilíbrio do mundo oculto; Você pisa na estrada, e, se não controlar seus pés, não há como saber até onde você pode ser levado"*

Referencias
147986-161203
(Todos os direitos reservados – Oslum) Orcid 0009-0003-6447-3341

Waddell, M. (2021). Hermetismo, a Cabala e a Busca da Sabedoria Antiga – Tradução e adaptação: Oliver Biorach para Oslum e seus parceiros.
Publicado Em *Magia, Ciência e Religião no início da Europa Moderna* (Novas Abordagens à História da Ciência e da Medicina, pp. 13-43). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/9781108348232.002

All rights reserved © Ordem dos Venatores